

Apontamentos – XIII | Dr. Rosinha

29/06/2023

Imediatamente o belo deixou de ser belo. Passei a ver as pedras irregulares das ruas, que são chamadas de “pé-de-moleque”, com os olhos de um sanitarista: doces contaminados.



Ilustração: Benett

Viagem

Toda viagem, curta ou longa, pode ser uma aventura, ou pior, uma desventura, que, dependendo do ponto de vista, pode ser considerada aventura.

Decidimos (Marta e eu) viajar, aventurar-nos, sem definir a distância a percorrer e o dia da volta. O rumo tomado foi mais desejo, que fruto de planejamento.

A decisão não foi tomada totalmente no escuro, acendemos velas a santos e santas e fizemos um mínimo de planejamento. Planejamento, claro, que contou com a questão econômico-financeira, que, no fundo é quem ditou a programação.

Imaginando que tudo seria bom, agradável e prazeroso, saímos para a estrada.

Falhou já no primeiro dia: saímos dois dias depois do planejado.

As aventuras de Tibicuera

Primeira parada, Itanhaém, donde saímos com a bagagem um pouco – muito pouco – mais pesada.

Na visita a um dos sebos e antiquário da cidade, além da boa conversa, encontrei na prateleira *As Aventuras de Tibicuera, que são também as do Brasil*, Érico Verissimo, que ignorava existir, não o Érico, mas o

Tibicuera.

É um livro de bolso, 22ª edição publicado pela Editora Globo, em 1981. O livro cheira a mofo, tem furos feitos por traças, páginas dobradas, algumas com pequenas rasuras e outras destacadas, soltas, com suas bordas fora do corpo do livro.

É um livro infanto-juvenil, não há sinal que tenha sido lido, não foi retirada a Folha de Leitura.

Perguntado, pela Marta, o valor do livro, a resposta foi: “Pode levar”.

Pé de moleque

No segundo dia em Paraty, observei várias fotos em lojas de artesanato, com a água cobrindo as soleiras das portas e algumas chegando até a altura de 50 cm, ou mais, em relação à calçada.

Imaginei ser o retrato de uma enchente, até porque de tempos em tempos a cidade, que está ao pé da serra e à borda do mar, é atingida por alguma enchente.

No final da tarde, deste dia, ao visitar a Igreja Matriz, a rua em frente estava inundada e lentamente a água subia de nível, chegou a atingir a soleira de algumas casas. Imaginei que fossem os bueiros entupidos, que não davam vazão a água.

Era o contrário: quando a maré sobe, a água vem pelos bueiros.

O fenômeno despertou curiosidade e conseqüentemente perguntas. Assim fomos informados que isto é resultado de um projeto de quando os portugueses planejaram a cidade: como o esgoto era a céu aberto a subida da maré e, posteriormente, seu esvaziamento servia para limpar as ruas de todas as imundícies.

Mas, a Paraty de agora, não é a do século XVII, é mais populosa e com o terreno mais impermeabilizado, isso favorece a subida das águas além dos níveis iniciais.

Pergunto à uma moça:

_ A água da maré chega até que altura?

_ Depende a época do ano, mas, às vezes entra pelas casas adentro.

Dito isto, faz uma pausa e emenda:

_ Vendo como está hoje parece até bonito, mas as casas ficam cheias de terra, lodo e merda de cachorros.

Não disse “merda de cachorros”, mas deu a entender. Pior, disse que vários restaurantes da cidade deixam a fossa cheia, o seu conteúdo transborda e entra casas adentro.

Imediatamente o belo deixou de ser belo. Passei a ver as pedras irregulares das ruas, que são chamadas de “pé-de-moleque”, com os olhos de um sanitarista: doces contaminados.

Invasão

Para chegar ao Forte, em Paraty, há que subir uma estrada, íngreme, de chão batido. Parar para ler as placas que estão em ambas as margens da estrada, suaviza a subida.

São placas que identificam cada uma das árvores: trazem informações, que no geral, não somos ativos em buscá-las. Contém informações simples, como, por exemplo, a tangerina: descreve que é uma fruta comestível, sua origem, etc. Mas, o que me chamou a atenção, é que seu nome se deve a Tânger.

Antes mesmo de ler as informações sobre a árvore seguinte, a goiabeira, sou perseguido pelo delírio, não meu, mas de uma Senadora. Ao me aproximar da árvore lembrei-me da mulher que viu Cristo na goiabeira. Ri sozinho.

– De que você está rindo? – Era a Marta me perguntando.

Respondi e imediatamente veio a censura: “onde se viu, nós aqui neste espaço histórico e bonito, e você lembrar-se dessa mulher”.

Mas gostei mesmo de ler na placa: as goiabeiras invadiram os Estados Unidos.

Até que enfim os Estados Unidos sofrem uma invasão, mesmo que pacífica.

Dr. Rosinha é médico aposentado e ex-deputado.

Via Plural

Compartilhe nas redes: